



Submetido 28/2/2025; Revisado: 13/3/2025; Aceito: 30/6/2025; Publicado: 7/7/2025

CIÊNCIA E CULTURA EM MUQUÉM E MAMELUCO: ITINERÁRIOS DE UM PROJETO DE EXTENSÃO EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE ALAGOAS

SCIENCE AND CULTURE IN MUQUÉM AND MAMELUCO: ITINERARIES OF AN EXTENSION PROJECT IN ALAGOAS' QUILOMBOLA COMMUNITIES

LA CIENCIA Y LA CULTURA EN MUQUÉM Y MAMELUCO: ITINERARIOS DE UN PROYECTO DE EXTENSIÓN EN COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE ALAGOAS

ODS¹ a que a temática está vinculada: *Objetivos 10. Redução das desigualdades e 11. Cidades e comunidades sustentáveis*

Carlos Jorge da Silva Correia Fernandes <https://orcid.org/0000-0003-4934-6267> 

Danielle Barbosa Bezerra <https://orcid.org/0009-0009-3684-3935> 

José Leandro Fernandes dos Santos Correia <https://orcid.org/0000-0002-6373-4031> 

Leonardo Siqueira Antonio <https://orcid.org/0000-0001-7628-6437> 

Maria Madalena Soares da Silva 

¹ [Objetivos de Desenvolvimento Sustentável](#) (ODS) em que a temática de texto tem relação.

² Museu de História Natural (MHN) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Secretaria de Estado da Educação de Alagoas (SEDUC-AL, Escola Estadual Princesa Isabel), doutor em Educação, biólogo e professor. Autor correspondente: carlos.correia@mhn.ufal.br.

³ Instituto Federal de Alagoas (IFAL, Campus Maceió), doutoranda em Ensino, professora.

⁴ SEDUC-AL (Colégio Tiradentes – Unidade Maceió) e Secretaria Municipal de Educação de Maceió, doutor em Geografia, professor.

⁵ IFAL (Campus Santana do Ipanema), doutor em Antropologia Social, professor.

⁶ Secretaria Municipal de Educação de União dos Palmares, mestre em Energia da Biomassa, técnica em Educação Ambiental.



Resumo: Este texto apresenta os resultados de um projeto de extensão universitária desenvolvido nas comunidades quilombolas de Muquém (União dos Palmares/AL) e Mameluco (Taquarana/AL) em parceria com escolas públicas das localidades. A iniciativa visou promover a integração entre ciência e cultura, valorizando o conhecimento tradicional dessas comunidades e estimulando a produção de saberes locais. A pesquisa detalha as metodologias utilizadas, as atividades realizadas e os impactos observados nas comunidades escolares envolvidas. Os resultados demonstram a importância de projetos que dialogam com as especificidades culturais e sociais das comunidades tradicionais, contribuindo para a construção de um conhecimento mais justo e equitativo.

Palavras-chave: Comunidades quilombolas. Educação. Extensão universitária. Alagoas.

Abstract: This paper presents the results of a university extension project developed in the Quilombo communities of Muquém (União dos Palmares/AL) and Mameluco (Taquarana/AL) in partnership with local public schools. The initiative aimed to promote the integration of science and culture, valuing the traditional knowledge of these communities and stimulating the production of local knowledge. The research details the methodologies used, the activities carried out, and the impact observed in the school communities involved. The results demonstrate the importance of projects that engage with the cultural and social specificities of traditional communities, contributing to the construction of more just and equitable knowledge.

Keywords: Quilombo communities. Education. University extension. Alagoas.

Resumen: Este texto presenta los resultados de un proyecto de extensión universitaria desarrollado en las comunidades quilombolas de Muquém (União dos Palmares/AL) y Mameluco (Taquarana/AL) en colaboración con escuelas públicas locales. La iniciativa tuvo como objetivo promover la integración entre ciencia y cultura, valorizando el conocimiento tradicional de estas comunidades y estimulando la producción de saberes locales. La investigación detalla las metodologías utilizadas, las actividades realizadas y los impactos observados en las comunidades escolares involucradas. Los resultados demuestran la importancia de proyectos que dialogan con las especificidades culturales y sociales de las comunidades tradicionales, contribuyendo a la construcción de un conocimiento más justo y equitativo.

Palabras clave: Comunidades quilombolas. Educación. Extensión universitaria. Alagoas.

INTRODUÇÃO

A palavra quilombo sustenta-se no termo *kilombo*, que, em Bantu, pode ser interpretado como *pouso*. Fica, então, a partir dessa palavra, o convite para que acessemos as letras que se seguem (...), aquilombando-nos para ler e, seguidamente, para fazer valer os direitos dos povos quilombolas (Dias, 2022, p. 16, grifos da autora).

O termo “aquilombar” evoca um processo de autoafirmação e resistência da população negra (Nascimento, 2018) ao redor da construção de espaços autônomos e emancipatórios diante das desigualdades sistêmicas (Souto, 2021; Ribeiro, 2019) nos quais seja possível efetivar direitos dos povos quilombolas (Dias, 2022). Inspirados nessa perspectiva, desenvolvemos um projeto de extensão universitária em colaboração com escolas e comunidades quilombolas do estado de Alagoas, visando promover a educação científica e a valorização das culturas locais.



Com isso, ao fomentar o diálogo entre os saberes tradicionais e os conhecimentos acadêmicos, buscamos fortalecer a identidade cultural e a autoestima dos participantes, contribuindo para a construção de um futuro mais justo e equânime. Trata-se do projeto “Aquilombar Ciência e Cultura em Muquém e Mameluco” cujo objetivo geral foi promover o intercâmbio de conhecimentos entre a universidade e as comunidades quilombolas Muquém, em União dos Palmares/AL, e Mameluco, em Taquarana/AL. Para tanto, realizou-se esforços de ampliação do acesso das referidas comunidades quilombolas à educação de qualidade, proporcionando oficinas e atividades de divulgação científica para enriquecer o aprendizado das crianças e jovens dessas localidades. Além disso, fomentou-se a troca de saberes entre a academia, as comunidades quilombolas e as escolas participantes do projeto por meio de rodas de conversas e eventos comunitários que articularam pesquisadores, professores, estudantes e líderes quilombolas.

Este projeto justificou-se pela necessidade de conhecer, dialogar e construir novos conhecimentos a partir da sociobiodiversidade destas comunidades em contraponto aos processos de invisibilização dos saberes tradicionais engendrados pelos processos de colonialidade levados a cabo pelo poder capitalista (Melo *et al.*, 2024). A iniciativa foi coordenada pelo Museu de História Natural (MHN) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) em parceria com diferentes organizações, especialmente o Instituto Federal de Alagoas (IFAL), consolidando, assim, um esforço institucional para promover educação, preservação cultural e avanço do conhecimento nas comunidades quilombolas envolvidas.

Por meio de iniciativas de compartilhamento de saberes, atividades educacionais e a difusão do patrimônio da sociobiodiversidade dessas comunidades, a iniciativa promoveu um diálogo respeitoso e enriquecedor entre a academia e as comunidades quilombolas participantes, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural, o desenvolvimento sustentável e a inclusão social. Este projeto contribuiu, portanto, com o empoderamento e a valorização de populações tradicionais, reforçando a importância da sociobiodiversidade e da riqueza dos saberes e práticas quilombolas.

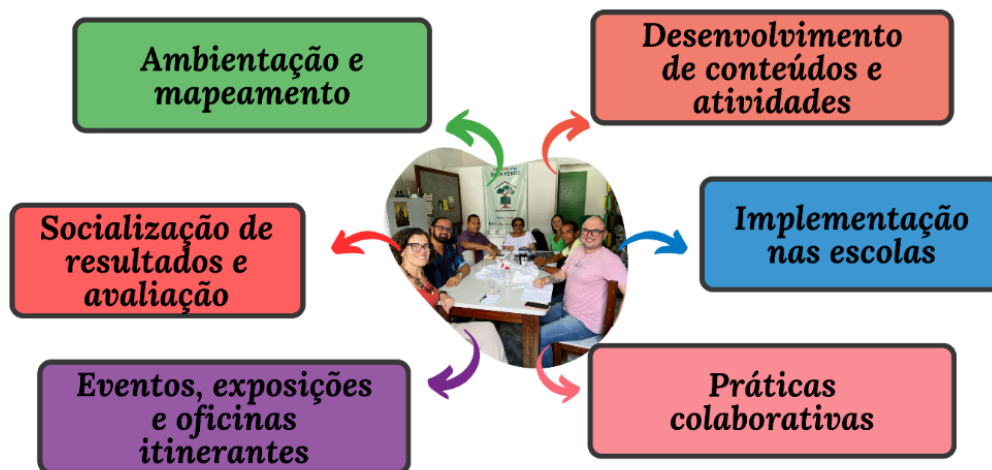


Dessa forma, defendemos, neste trabalho, a centralidade de esforços institucionais da sociedade, em geral, e de universidades e centros acadêmicos, em particular, no sentido de promover esse tipo de aproximação com comunidades tradicionais como uma estratégia profícua e necessária para ampliar os horizontes do pensamento, científico ou não, com outras éticas, sensibilidades e atitudes diante das questões urgentes do nosso tempo (Vieira, 2023).

METODOLOGIA

A metodologia privilegiada neste projeto seguiu uma abordagem de pesquisa-ação (Thiollent, 2011) com base no envolvimento das comunidades escolares e quilombolas de Muquém e Mameluco na construção e realização das diferentes etapas da iniciativa (Figura 1), pois em iniciativas como esta “é imperativo considerar a singularidade organizacional inerente a cada comunidade, notadamente no que concerne às dinâmicas das relações sociais de resistência que permeiam cada localidade” (Melo *et al.*, 2024, p. 1). Nessa direção, todas as ações empreendidas foram precedidas de reuniões e ajustes com as coordenações pedagógicas das escolas municipais parceiras.

Figura 1: Etapas do projeto. No centro do esquema, registro da primeira reunião presencial de planejamento do projeto (União dos Palmares, março/2024).



Fonte: os autores (2024).

O projeto foi executado como ação de extensão do MHN-UFAL, entre fevereiro e novembro de 2024, contando com o apoio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) no âmbito do seu programa “SBPC Vai à Escola” (edital 2023-2024)⁷. As atividades foram realizadas de forma itinerante, tendo-se como perspectiva esforços de divulgação científica (Rocha; Marandino, 2017 e Ferreira *et al.*, 2007), sendo concentradas, preferencialmente, em um dia de atividades por evento. Do ponto de vista teórico-metodológico, as atividades foram planejadas a partir da recomendação de Freire ([1968] 2020, p. 119-120) de que “será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da educação ou da ação política”. Assim, buscou-se, em todas as ações, favorecer dinâmicas capazes de suscitar temas geradores relacionados com questões socioambientais que, de acordo com a compreensão dos participantes, tinham maior aderência com as realidades vivenciadas em suas próprias comunidades.

Na análise dos dados, lançamos mão de técnicas propostas por Bardin (2016), a exemplo da construção de categorias analíticas a partir do conjunto de informações sobre as vivências promovidas pelo projeto, de modo a ampliar a compreensão do que se passou por meio do entrelaçamento progressivo entre detalhamentos das ações realizadas, observações participantes e fundamentos teóricos adotados na pesquisa. Com bases nesses procedimentos, construímos três narrativas, quais sejam: “Está faltando árvores por aqui: vamos plantar e cuidar!”, “Café de andu na xícara de barro” e “Sustentabilidade é no quilombo!”, que são desenvolvidas na sequência deste manuscrito.

ESTÁ FALTANDO ÁRVORES POR AQUI: VAMOS PLANTAR E CUIDAR!

Em um primeiro momento, a oficina sobre a importância da arborização e do reflorestamento promoveu reflexões acerca de impactos ambientais relacionados com as mudanças climáticas (IPCC, 2023). A atividade foi realizada na comunidade Muquém,

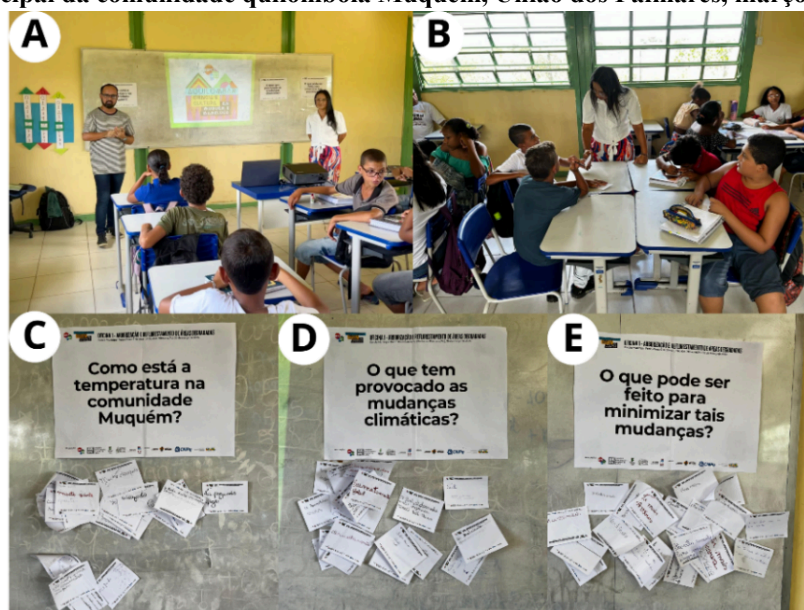
⁷ “O programa SBPC vai à Escola tem como principal objetivo a realização de atividades de divulgação da ciência, do estímulo ao interesse pelo conhecimento científico e de fomento à criatividade das crianças, adolescentes e jovens, abrangendo, eventualmente, atividades voltadas à formação de professores de ensino Fundamental e Médio” (SBPC, 2024, on-line). Disponível em: <https://portal.sbpcnet.org.br/escola/>. Acesso em: 3 dez. 2024.



contando com a participação dos estudantes em grupos que discutiram os seguintes problemas: Como está a temperatura na comunidade Muquém? O que tem provocado as mudanças climáticas? O que pode ser feito para minimizar tais mudanças? (Figura 2, imagens “C”, “D” e “E”).

Nas discussões coletivas realizadas a partir desses problemas (Figura 2, imagens “A” e “B”), os jovens participantes da oficina evidenciaram perceber o aumento das temperaturas e outros impactos das mudanças climáticas em seus territórios, demonstrando uma sensibilidade e um entendimento profundos sobre o meio ambiente em que vivem. A capacidade desses estudantes em relacionar evidências das mudanças climáticas a partir de suas próprias vivências é um exemplo de como o conhecimento local pode contribuir significativamente para a compreensão e enfrentamento dos desafios ambientais globais.

Figura 2: Registros da oficina sobre arborização e reflorestamento de áreas degradadas (Escola municipal da comunidade quilombola Muquém, União dos Palmares, março/2024).



Fonte: acervo imagético do projeto (2024).

Com efeito, os participantes da oficina indicaram, dentre outras medidas de mitigação desses processos, a necessidade de arborização, particularmente nos arredores da própria escola em que estudam, tendo em vista o calor extremo que relataram estarem enfrentando nos últimos tempos. De acordo com Abreu e Labaki (2010), as

árvores, realmente, podem desempenhar, desde que considerados determinados critérios, um papel significativo na oferta de conforto térmico para edificações.

Nessa direção, como desdobramento dessas discussões, realizamos, nos meses seguintes, atividades de campo para definição de espécies vegetais e locais apropriados para o plantio de árvores (Figura 3, imagens “A” e “B”, abril e maio/2024, respectivamente) nos arredores da Escola Municipal Pedro Pereira da Silva (Muquém, União dos Palmares).

Figura 3: Ações derivadas da oficina sobre arborização e reflorestamento de áreas degradadas (Escola municipal da comunidade quilombola Muquém, União dos Palmares, abril-junho/2024).



Fonte: acervo imagético do projeto (2024).

Na área selecionada para arborização foram preparados os locais para receber as mudas, as quais foram plantadas com o auxílio de estudantes da referida escola (Figura 3, imagens “C” e “D”, junho/2024). São os próprios estudantes que estão cuidando e acompanhando o desenvolvimento das espécies plantadas (Figura 4), de modo que é possível afirmar que as ações decorrentes dessas oficinas estão transformando a rotina dos jovens e das crianças na escola, onde estão exercendo papéis de liderança na resolução de um problema enfrentado pela comunidade escolar. Conforme Fontenelle *et al.* (2024), esse engajamento pode ser explicado pelo fato das iniciativas que promovemos se debruçarem para questões da realidade concreta dos estudantes, envolvendo-os na busca por soluções realistas.

Figura 4: Ações de manutenção das espécies plantadas (Escola municipal da comunidade quilombola Muquém, União dos Palmares, julho-novembro/2024).



Fonte: acervo imagético do projeto (2024).

Mesmo com a conclusão oficial do projeto em novembro/2024 as ações na escola municipal em Muquém não pararam. No início de dezembro/2024, por exemplo, foram realizadas atividades como uma roda de conversa para discutir os desafios e perspectivas relacionadas às ações desenvolvidas no decorrer do projeto. Na ocasião os jovens perceberam a necessidade de manutenção das mudas plantadas e decidiram continuar cuidando delas mesmo durante o processo de férias, além de propor novas ações para 2025 (Figura 4, imagens “A” e “D”). Concluindo o ano letivo na referida escola, foi organizado, ainda, no dia 12 de dezembro de 2024, uma avaliação geral sobre a participação de cada um dos estudantes acerca do projeto. Em síntese, tem sido muito gratificante ver a representatividade e a responsabilidade assumida pelos jovens da comunidade a partir desta proposta (Figura 4, imagens “B” e “C”).

Dessa forma, podemos concluir que, ao envolver os jovens no enfrentamento de uma questão ambiental tão relevante, ensinamos não apenas conceitos científicos, mas também cultivamos o protagonismo, a colaboração e a consciência cidadã. Com efeito, a continuidade das ações desencadeadas por essas oficinas de arborização na escola da comunidade Muquém demonstram a efetividade desse tipo de iniciativa em promover

espaços de empoderamento da juventude no enfrentamento de questões socioambientais do presente.

CAFÉ DE ANDU NA XÍCARA DE BARRO

Nos dias 26 de abril e 24 de maio de 2024 foram realizadas duas edições da oficina “Produção cultural quilombola: identidade, saberes tradicionais e comunidade” nas escolas parceiras do projeto com o objetivo de trabalhar as temáticas da identidade e saberes tradicionais, a partir dos encontros entre estudantes das escolas municipais Pedro Pereira da Silva, de União dos Palmares (AL), e Edgar Tenório de Lima, na zona rural de Taquarana (AL), com integrantes das comunidades quilombolas Muquém e Mameluco (Figura 5).

Figura 5: Registros das oficinas sobre produção cultural quilombola. Em “A”, atividade na escola municipal da comunidade quilombola Muquém (União dos Palmares, abril/2024). Em “B”, atividade na escola municipal da comunidade quilombola Mameluco (Taquarana, maio/2024). Em “C” e “D”, cartazes produzidos pelos estudantes participantes das oficinas.



Fonte: acervo imagético do projeto (2024).

Essas oficinas consistiram em três momentos. No primeiro, cada uma das comunidades quilombolas foi apresentada às/aos estudantes por meio de um minidocumentário. Em seguida, um grande círculo de estudantes de ambas as escolas foi montado no pátio para ouvir as experiências de vida dos integrantes da comunidade

Mameluco. E, por fim, os estudantes em pequenos grupos de escolas misturadas elaboraram cartazes sobre as vivências do minidocumentário e dos relatos das mestras e dos mestres.

As oficinas de produção cultural se fizeram de diversos encontros: comunidades quilombolas, escolas municipais de cidades diferentes, docentes e discentes, mestras e mestres quilombolas. Essas encruzilhadas de encontros produziu um caldeirão de identidades e saberes, seja científico ou tradicional, como um grande "ebó epistemológico" (Rufino, 2019), onde as encruzadas de identidades e de saberes se encontram em um nó de "comuns" e "diferentes", produzindo a solidariedade que nos une enquanto sujeitos, entre as alteridades e as identificações de nossas humanidades. Melo *et al.* (2024) argumentam que esse tipo de abordagem pode se configurar como uma forma efetiva de desafiar narrativas coloniais ao reconstruir identidades e resgatar histórias silenciadas, promovendo, assim, uma resistência significativa à dominação cultural e social.

Nesta perspectiva, a representação histórica/simbólica dos quilombos/comunidades quilombolas na formação social do Brasil revela o poder de resistência desta forma de organização social que, nas palavras de Moura (2020, p.49), pode ser visto como um "elemento dinâmico de desgaste das relações escravistas", que atuou de forma perene contra o sistema escravista. Dito de outra forma, a gramática do aquilombamento é a resistência ao colonialismo desde sempre. Segundo esse mesmo autor,

os quilombos tinham de criar uma economia que produzisse aquilo de que os quilombos necessitavam e que era regionalmente possível, de acordo com as possibilidades ecológicas e as disponibilidades de matéria-prima ou de sementes daquelas áreas em que se formavam (Moura, 2020, p. 53).

Desse modo, o potencial inventivo e de resistência vincula-se à construção de um vasto conjunto de saberes que serviram para que os quilombos permaneçam até os dias atuais como comunidades tradicionais detentoras de um vasto conhecimento sobre a natureza. Enquanto a Comunidade Muquém desenvolveu práticas voltadas para a produção de artefatos de cerâmica, a Comunidade Mameluco materializa diversos saberes sobre plantas e seus múltiplos aproveitamentos.



Os quilombos são marcos importantes na história do Brasil, simbolizando a resistência e a luta contra o colonialismo. No entanto, nas instituições de ensino, as informações acerca das comunidades quilombolas, tanto do passado quanto do presente, acabam sendo relegadas ao esquecimento. Uma breve análise dos livros didáticos e dos assuntos abordados nas diferentes fases da educação básica revela indícios desse processo de apagamento. No contrapelo desse apagamento, as oficinas do projeto, ao produzir o diálogo entre quilombolas e discentes, evidenciou esses conhecimentos e tradições, como a da torra de café de Andu e a produção de esculturas em cerâmica, articulando-os a dinâmica escolar e, portanto, desvencilhando das práticas coloniais.

A torra do café de Andu (*Cajanus cajan*) é uma tradição da comunidade Mameluco, mantida pelas mulheres mais experientes, consideradas “mestras do café de andu”. Segundo relatos materializados pela oralidade destas mulheres, a bebida possui diversas propriedades terapêuticas. Para além disso, o momento da torra do café, protagonizado por mulheres de diferentes gerações, é espaço de compartilhamento de vivências e cuidado coletivo.

Paralelamente, a Comunidade Muquém edificou sua identidade a partir da produção de esculturas e objetos diversos feitos com cerâmica. Esse trabalho é realizado por mestras e mestres ceramistas que buscam, através das pessoas mais jovens da comunidade, resguardar essa prática tradicional que simboliza o sustento e o orgulho da comunidade.

De acordo com legislações brasileiras, que estabelecem rumos da educação (Brasil, 2003 e 2008), as escolas de educação básica têm obrigação de ensinar e valorizar a história e a cultura afro-brasileira, africana e indígena, de modo que a abordagem de saberes quilombolas pode ser um caminho efetivo nessa direção. Contudo, esses conhecimentos, normalmente, são transmitidos abstratamente e de modo descontextualizados, distantes das diversas realidades das comunidades quilombolas, não produzindo conexão entre os discentes e aquilo que deveria pertencê-los, a própria identidade. Como afirma Nascimento (2021):

A importância dos quilombos para os negros na atualidade pode ser compreendida pelo fato de esse evento histórico fazer parte de um universo



simbólico em que seu caráter libertário é considerado um impulsionador ideológico na tentativa de afirmação racial e cultural do grupo (Nascimento, 2021, p. 109).

No caso das atividades desse projeto, crianças/estudantes oriunda/os de comunidades quilombolas que participaram das oficinas, produziram saberes que aglutinam as práticas de suas comunidades, neste caso, Mameluco e Muquém, ao contexto escolar. Destarte, os saberes e conhecimentos tradicionais relacionaram-se com as práticas pedagógicas da escola produzindo valorização da história e da cultura afro-brasileira, circunscrita à realidade vivida pelos estudantes em um mesmo universo simbólico.

SUSTENTABILIDADE É NO QUILOMBO!

Neste projeto, iniciamos o ciclo de discussões acerca da noção de sustentabilidade com uma oficina realizada na escola municipal de Muquém, em março/2024, que foi concluído com uma atividade semelhante na comunidade Mameluco, em setembro/2024, desta vez no contexto do evento comunitário “VIII Mamelucando: Saber é no Quilombo!”, do qual vem exatamente a inspiração para o título desta seção (Figura 6).

Figura 6: Registros das oficinas sobre sustentabilidade para crianças e jovens. Em “A”, atividade na comunidade quilombola Muquém (União dos Palmares, abril/2024). Em “B”, atividade na comunidade quilombola Mameluco (Taquarana, setembro/2024).



Fonte: acervo imagético do projeto (2024).

De início, podemos partir da constatação de que as crianças e jovens

participantes de ambas as oficinas afirmaram já ter ouvido falar no termo “sustentabilidade”, porém, o seu real significado era desconhecido pela maioria, o que não deixa de ser representativo do fato de que a sustentabilidade é, ao mesmo tempo, uma das maiores preocupações da atualidade e um discurso em constante disputa cuja efetividade ainda não se concretizou na maioria dos alegados projetos de desenvolvimento sustentável (Sugahara; Rodrigues, 2019). No entanto, algumas práticas, como a redução do consumo e o descarte adequado do lixo, foram mencionadas pelas crianças e jovens como exemplos de sustentabilidade que observam em suas próprias comunidades. Nesse sentido, é pertinente ter em vista que, ao trabalharmos desde uma perspectiva intercultural, “não é coerente desconsiderarmos as relações entre as culturas tradicionais e os ecossistemas nos quais emergem a diversidade” (Melo *et al.*, 2024, p. 3), de modo que os sentidos atribuídos à sustentabilidade pelas crianças e jovens dessas comunidades emergem certamente dessas relações.

Nessas oficinas, utilizamos histórias em quadrinhos da Turma da Mônica sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)⁸ (Instituto Maurício de Sousa, 2023) para ampliar a compreensão das crianças e jovens acerca do que viria a ser a sustentabilidade. A decisão por uma mídia popular e acessível como os quadrinhos enquanto elemento norteador das discussões nessas oficinas teve como intenção tornar o debate sobre a sustentabilidade mais atraente e compreensível para o público infantojuvenil. Para Gadotti (2009), a educação para a sustentabilidade precisa começar desde a infância, desenvolvendo a capacidade crítica dos estudantes em relação aos desafios socioambientais que o mundo enfrenta.

De fato, observamos que essa estratégia facilitou a introdução das discussões sobre essa temática, bem como permitiu que os participantes identificassem trechos dos quadrinhos que ilustravam situações como consequências das mudanças climáticas, tais como chuvas intensas e inundações que tinham aproximação com suas realidades.

⁸ De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU, *s.d.*, on-line) os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) “são um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade”.



Nesse caso, em particular, tais impactos foram mencionados com maior frequência na atividade realizada na comunidade de Muquém, que ainda guarda na memória os impactos devastadores de uma enchente ocorrida em 2010, a qual obrigou a reconstrução da comunidade em uma área mais distante do rio que atravessa suas terras (Araújo, 2010).

Além disso, outro trecho dos quadrinhos destacado por alguns estudantes representa uma fila de crianças indo à escola, na qual se percebe que a maioria são meninos. Durante as discussões coletivas, muitas crianças ficaram surpresas ao descobrirem que, em alguns lugares do mundo, as meninas são proibidas de estudar. Essa descoberta ampliou o debate sobre desigualdade de gênero e o direito à educação, mostrando a relevância de promover a equidade de gênero como parte dos esforços para alcançar um desenvolvimento sustentável (Figura 7).

Figura 7: Trecho dos quadrinhos da Turma da Mônica utilizados nas oficinas do projeto sobre sustentabilidade destacado por vários participantes nas discussões coletivas da atividade.



Fonte: Instituto Maurício de Sousa (2023, p. 67).

Esta percepção das crianças e jovens aponta para a interconexão entre sustentabilidade ambiental, justiça social e equidade de gênero, conforme defendido por autores como Gomes e Canela (2021) e Costa (2021), sugerindo que esforços para promover a sustentabilidade devem necessariamente incluir estratégias para diminuir as desigualdades socioeconômicas e de gênero. Com efeito, os participantes reconheceram unanimemente que a redução das desigualdades sociais é essencial para a construção de um mundo mais sustentável.

A oficina realizada no Quilombo Mameluco, em Taquarana, reuniu crianças da comunidade para um debate enriquecedor sobre os ODS. O encontro teve como ponto de partida as experiências com o tema da sustentabilidade no cotidiano. A partir desse contexto, foi possível estabelecer conexões entre a realidade local e os ODS. Com efeito, os objetivos de números 2 (fome zero e agricultura sustentável) e 11 (cidades e comunidades sustentáveis) foram os mais discutidos pelas crianças da comunidade Mameluco. As histórias em quadrinhos facilitaram a compreensão dos temas demonstrados, corroborando uma estratégia pedagógica eficaz de comunicação com as crianças (Lisboa *et al.*, 2008). Nesse sentido, estabeleceu-se um diálogo sobre práticas agrícolas que respeitam o meio ambiente, tendo em vista os saberes e práticas da sociobiodiversidade da própria comunidade Mameluco, a exemplo da produção do café de andu citado anteriormente.

Durante o debate, as crianças compartilharam vivências relacionadas à agrofloresta e ao cultivo de milho e frutas, demonstrando conhecimento sobre a importância da agricultura sustentável. Assim, relatos sobre o envolvimento das famílias no plantio e na colheita revelaram um saber advindo da tradição oral e da vivência prática na construção do conhecimento. Esse aspecto dialoga diretamente com as ideias de Freire (2020), que defende a educação como um processo dialógico, no qual ouvir a comunidade é essencial para uma aprendizagem significativa e transformadora.

Nesse ínterim, a escuta ativa das crianças mostrou como elas percebem a terra como parte integrante de sua identidade, ressaltando a necessidade de preservação dos recursos naturais. Muitas relataram o cuidado com o solo, a importância da rotação de culturas e o reaproveitamento da matéria orgânica como adubo, práticas que reforçam o compromisso da comunidade com um modelo de produção sustentável. Ao final da oficina, ficou evidente que a valorização das experiências comunitárias fortalece o sentimento de pertencimento e responsabilidade socioambiental entre as crianças. A partir do diálogo estabelecido, elas não apenas se reconheceram como agentes de transformação, mas também reafirmaram a importância de preservar os saberes tradicionais como forma de garantir um futuro mais sustentável.



Essas oficinas mostraram-se adequadas, portanto, como um primeiro momento de um processo de educação para a sustentabilidade com potencial para ser contínuo e permanente, articulando não apenas espaços formais como a escola, mas outras dimensões espaciais, tais como associações, igrejas, empresas e o próprio contexto familiar (Dias, 2004). Afinal, elas não só ampliaram o entendimento das crianças e jovens sobre práticas sustentáveis, mas também integraram memórias coletivas e experiências vividas pelas comunidades, reforçando a importância de um desenvolvimento inclusivo e responsável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar o conhecimento local e promover a participação infanto-juvenil, essa experiência demonstrou que é possível encontrar soluções inovadoras para os desafios socioambientais, mesmo em contextos de vulnerabilidade social e econômica. Assim, podemos concluir que ações extensionistas que valorizam saberes e práticas tradicionais de comunidades quilombolas, como as de Muquém e Mameluco, evidenciam o papel crucial da universidade na promoção do desenvolvimento local.

Com efeito, ao estabelecer um diálogo aberto e constante com essas comunidades, a universidade pode não apenas atender a demandas específicas, mas também contribuir para o empoderamento de seus membros, ampliando a capacidade de ação desses coletivos. Afinal, esse tipo de interação tem potencial para promover a troca de saberes, fortalecer a identidade cultural e estimular a participação ativa de lideranças dessas comunidades na construção de políticas públicas mais justas e equitativas.

Nessa direção, sugerimos a continuidade de esforços das políticas de extensão universitária para garantir a ampliação do envolvimento de comunidades tradicionais em projetos como o apresentado neste texto, valorizando perspectivas que promovam o diálogo e a construção de saberes de forma horizontal. Dessa forma, entendemos que a valorização das tradições quilombolas, nesse contexto, vai além da mera preservação cultural, constituindo-se em um ato de resistência e afirmação de direitos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais plural e democrática.

AGRADECIMENTOS



Os autores agradecem o apoio financeiro recebido da SBPC para a execução do projeto “Aquilombar Ciência e Cultura em Muquém e Mameluco”, o suporte técnico da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de União dos Palmares e do Centro de Referência em Recuperação de Áreas Degradadas (CRAD-UFAL) nas ações de arborização, o convite da Associação Quilombola Mameluco para integrar a programação do evento comunitário “VIII Mamelucando”, bem como a doação do Instituto Maurício de Sousa de exemplares da coleção de quadrinhos da Turma da Mônica sobre os ODS, os quais foram utilizados nas oficinas do projeto sobre sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, L. V.; LABAKI, L. C. Conforto térmico propiciado por algumas espécies arbóreas: avaliação do raio de influência através de diferentes índices de conforto. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 10, n. 4, p. 103-117, out./dez. 2010.

ARAÚJO, G. 56 quilombolas escaparam da enchente em cima de jaqueiras: Instituto de Meio Ambiente de Alagoas diz que grupo ficou 18 horas no local. Comunidade fica às margens do Rio Mundaú, em União dos Palmares (AL). **G1 Brasil**, 26 jun. 2010. Disponível em: <https://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/06/56-quilombolas-escaparam-da-enchente-em-cima-de-duas-jaqueiras.html>. Acesso em: 12 dez. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL, República Federativa do. Lei nº. 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**, Brasília, 11 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 25 abr. 2024.

BRASIL, República Federativa do. Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 13 abr. 2024.



COSTA, J. F. Conflitos culturais no território camponês: a luta por empoderamento feminino da Amari. **Geographia Opportuno Tempore**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 67–80, 2021.

DIAS, G. F. **Educação ambiental**: princípios e práticas. São Paulo: Gaia, 2004.

DIAS, L. O. **Aquilombamento**. Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

FERREIRA, J. R.; SOARES, M.; OLIVEIRA, M. Ciência móvel: um museu de ciências itinerante. In: Reunión de la Red de Popularización de la Ciencia y la Tecnología en América Latina y el Caribe, 10. 2007. **Anais...** San José, Costa Rica, 9 a 11 de maio de 2007. Disponível em: <<http://www.cientec.or.cr/pop/2007/BR-JoseRibamar.pdf>>. Acesso em: 1 maio 2018.

FONTENELLE, C. R. A. M.; MOREIRA, M. C. A.; CRUSINSKI, B. C.; FIGUEIREDO, N. L. S.; SOUZA FILHO, W. J. Projetos em ciência e tecnologia no ensino médio: um espaço de protagonismo estudantil, criatividade e transformação social. **Caderno Pedagógico**, [S. l.], v. 21, n. 6, p. 1-20, 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 74. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, [1968], 2020.

GADOTTI, M. **Education for sustainability**: a contribution to the decade of education for sustainable development. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

GOMES, G. G.; CANELA, K. C. A perspectiva de gênero no debate relacionado ao meio ambiente e à concretização de direitos humanos. **Revista Eletrônica Direito e Sociedade**, Canoas, v. 9, n. 3, p. 137-156, out. 2021.

IMS, Instituto Mauricio de Sousa. **Turma da Mônica**: coleção ODS. São Paulo: Instituto Cultural Mauricio de Sousa, 2023.

IPCC, Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima. **Mudança do clima 2023**: relatório síntese. Disponível em: https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/relatorios-do-ipcc/arquivos/pdf/copy_of_IPCC_Longer_Report_2023_Portugues.pdf. Acesso em: 10 jan. 2024.

LISBOA, L. L.; JUNQUEIRA, H.; DEL PINO, J. C. Histórias em quadrinhos como material didático alternativo para o trabalho de Educação Ambiental. **Gaia Scientia**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/gaia/article/view/2318>. Acesso em: 1 fev. 2025.



MELO, M. V. O.; SILVA, E. M.; SANTOS, B. M. C.; LIMA, R. S. Interculturalidade como estratégia da educação escolar quilombola no sertão alagoano. **Extensão em Debate**, Maceió, v. 13, n. 18, p. 1-17, jan./jun. 2024.

MOURA, C. **Quilombos**: resistência ao escravismo. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

NASCIMENTO, M. B. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, M. B. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual**: possibilidade nos dias da destruição. São Paulo: Filhos da África, 2018.

ONU, Organização das Nações Unidas. Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. **Nações Unidas Brasil**, [S. d.]. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 11 dez. 2024.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROCHA, J. N.; MARANDINO, M. Mobile science museums and centres and their history in the public communication of science. **Journal of Science Communication**, Trieste, v. 16, n. 3, 2017.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SBPC, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. **SBPC vai à escola**. 2024. Disponível em: <https://portal.sbpcnet.org.br/escola/>. Acesso em: 3 dez. 2024.

SOUTO, S. É tempo de aquilombar: da tecnologia ancestral à produção cultural contemporânea. **Pol. Cult. Rev.**, Salvador, v. 14, n. 2, p. 142-159, jul./dez. 2021.

SUGAHARA, C. R.; RODRIGUES, E. L. Desenvolvimento sustentável: um discurso em disputa. **Desenvolvimento em Questão**, [S. l.], v. 17, n. 49, p. 30-43, 2019.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VIEIRA, S. A. Os sinais da Terra e as mudanças climáticas: uma aliança possível entre a antropologia e os conhecimentos tradicionais frente à crise climática e ambiental. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 75, n. 2, p. 1-7, abr./jun. 2023.

